

# O RELATO ETNOGRÁFICO (COMO ESTILO) NOS CONTOS DE FICÇÃO CIENTÍFICA DE URSULA K. LE GUIN

*Branca Albuquerque de Barros*

*Orientadora: Sonia Torres*

*Mestranda*

RESUMO: A confluência entre a escrita etnográfica e projetos literários vem sendo investigada desde meados do século XX, quando os projetos colonialistas que influenciavam as manifestações literárias começavam a ser substituídos por discursos pós-colonialistas da cultura. Os paralelos históricos e filosóficos não casuais entre a Etnografia e a Ficção Científica, conforme apontado por diversos estudos, bem como suas semelhanças narrativas, corroboram para uma proposta de vínculo entre elas. O presente trabalho pretende discutir contos de Ficção Científica de Ursula K. Le Guin, presentes na coletânea *The Birthday of the World* (2002), considerando que a autora entrelaça as formas de narrar citadas acima ao implementar um estilo etnográfico em seus contos, usando relatos etnográficos como estratégia narrativa para retratar mundos imaginários. Os contos falam do encontro entre povos nativos, como os do Novo Mundo, e o colonizador, no século XVI, mas agora, pelo ponto de vista do colonizado e também da experiência etnográfica, através de registros gravados em áudio ou escritos por representantes de uma organização interplanetária, entre outros elementos, aliando, assim, a forma de documento ao lirismo.

Palavras-Chave: ficção científica; pós-colonial; Ursula Le Guin.

A ficção científica e a antropologia vêm sendo associadas desde princípios da década de 70. Neste período, estimulados pelos movimentos de contracultura, antropólogos se questionavam acerca dos rumos da antropologia, ao mesmo tempo em que escritores de ficção científica passaram a se interessar pelas ciências sociais em geral (cf. SAMUEL, 1978, p. 1) e pela antropologia em particular.

A antropologia vinha fazendo uma autocrítica no que tangia sua incapacidade de direcionar seu olhar para o futuro. Margaret Mead, antropóloga cultural norte-americana cujos

estudos colaboraram para inspirar a revolução sexual da década de 60, afirmou em 1978 que “A antropologia até hoje fez contribuições ínfimas à preocupação cada vez maior do homem com o futuro.”<sup>5</sup> (MEAD, 1978 in COLLINS, 2003, p. 180).

A possibilidade de criar narrativas que extrapolavam os conceitos então atuais das ciências sociais, dentre elas a antropologia, com o objetivo de prever ou especular sobre o formato da sociedade no futuro (cf. SILLS, 1968, p. 474, in SAMUEL, 1978, p. 2) se punham em consonância com a necessidade da antropologia de voltar-se mais para o futuro, em vez de concentrar-se apenas no passado e no presente.

E por conveniência acadêmica, alguns antropólogos viram a ficção científica como um mecanismo prático que permitia criar *thought-experiments*<sup>6</sup> para aproveitá-la na sala de aula, como forma de treinar futuros antropólogos, usando textos cujos temas se aproximavam dos interesses antropológicos e, assim, passou-se a encaixar narrativas de ficção científica que utilizavam recursos da antropologia como forma de narrar no sub-gênero antropológico. Já os autores de ficção científica viram na antropologia uma nova e rica fonte de informações sobre possíveis variações culturais (cf. SAMUEL, 1978, p. 5) e no antropólogo um veículo para auxiliar a compreender outras culturas.

No mesmo período, os discursos pós-colonialistas passaram a substituir os discursos colonialistas que permeavam o meio científico, dentre eles, a área da antropologia. Os antropólogos e etnógrafos<sup>7</sup>, colocados como intérpretes da vida nativa (cf. CLIFFORD, 2014, p. 22) foram acusados diversas vezes de serem “funcionários coloniais” ou de “fazerem parte do sistema colonial” (CLIFFORD, 2014, p. 239) e de terem “desempenhado um papel em situações coloniais, conscientemente ou não” (CLIFFORD, 2014, p. 240). Assim, ainda no final do século XIX e especialmente no século XX, a antropologia, seguindo uma tendência global de desligamento das propostas culturais de cunho colonialista, adotou novas abordagens na experiência de interação com os indivíduos investigados, de forma a, na

---

<sup>5</sup> Tradução livre: “Anthropology has to date made very me ager contributions to man’s develop ong concern with the future.”

<sup>6</sup> Ver o texto “Text as Laboratory: Science Fiction Literature as Anthropological Experiment” de Iliana Jakimovska e Dragan Jakimovski.

<sup>7</sup> “A *etnografia* é um método de estudo utilizado pelos antropólogos com o intuito de descrever os costumes e as tradições de um grupo humano.” (<http://conceito.de/etnografia>, acessado em 29/06/16, às 13h17)

medida do possível, não impor, em seus relatos, uma visão de colonizador, típica dos relatos do século XIX. (cf. CLIFFORD, 2014, p. 18)

Este trabalho pretende levar a cabo discussões sobre a frequente associação de temas, pontos de vista e formas de narrar entre a ficção científica e a antropologia, levando em consideração a afirmação de Farah Mendelson (2003) de que a ficção científica seria uma forma de narrar e não um gênero. Dessa forma, será possível expor como Ursula K. Le Guin utilizou elementos comuns dos escritos antropológicos, como a alegoria e a multivocalidade (CLIFFORD, 2014), para escrever contos pós-coloniais de ficção científica que tentam desvendar o que é o humano, trazer consciência crítica acerca da cultura e levantar um espelho para o futuro para iluminar nosso tempo (cf. SILVERBERG, 1966, In: Urbanowicz, 1976), também alguns dos interesses e objetivos da antropologia, ao aliar a forma de documento ao lirismo.

### Os contos de Ursula K. Le Guin

Ursula K. Le Guin era filha de antropólogos que passaram boa parte de suas vidas estudando povos indígenas norte-americanos. É muito provável que esse fato tenha causado grande influência sobre sua visão de mundo e maneira de lidar com povos diferentes, além de ter servido de cenário para sua infância e adolescência. A própria afirmou em uma entrevista a Johnathan White<sup>8</sup>... “My father studied real cultures and I make them up – in a way, it’s the something.” (LE GUIN, 1977a:39)

A experiência com os pais antropólogos também penetrou as estruturas de muitas das obras de ficção científica escritas pela autora. Mundos extraterrestres e suas diversidades culturais, étnicas, raciais etc. compõem a maioria dessas obras, que vão na contramão das representações dos povos nativos por autores europeus, especialmente entre os séculos XVI e XIX.

---

<sup>8</sup> A entrevista pode ser acessada em <http://www.swarthmore.edu/Humanities/pschmid1/engl5H/leguin.interv.html>

Vários dos contos presentes no livro *Birthdayofthe World* (2002), reproduzem numa escala intergaláctica o contato entre os Europeus e povos nativos nas viagens de “descobrimento” do Novo Mundo ao incluir narrativas de exploradores que chegam a outros territórios em missões colonizadoras/de reconhecimento, mas, embora esses exploradores mimetizem as grandes descobertas dos séculos XV e XVI, suas viagens produzem efeitos diferentes e até mesmo opostos. Além do mais, suas histórias de visita de povos alienígenas a planetas até então desconhecidos ressignifica as nossas histórias de colonização ao propor outros pontos de vista e relações mais humanas.

Nos casos dos contos escolhidos para esta análise, *The MatterofSeggri*, *Solitudee Birthdayofthe World*, o contato com culturas alienígenas é narrado ou por um etnógrafo ou pelo seu objeto de estudo. A questão da autoridade etnográfica, conforme descrito por Clifford (2014), na descrição e análise de culturas alheias passa a ser um dos elementos mais interessantes desses contos. No conto de mesmo nome do livro, *The Birthdayofthe World*, por exemplo, não há a presença de um antropólogo, mas o narrador do encontro entre o povo nativo e o “explorador” é um personagem nativo, o que inverte o ponto de vista comum nos relatos de viagem típicos de obras de ficção e não-ficção de vieses antropológicos. O relato do primeiro contato entre diferentes povos e que tipo de consequências esse contato traz para ambos também representam respectivamente um interesse e uma das dúvidas primordiais do contato antropológico.

Também preocupado com as relações entre a antropologia e a ficção científica, David Samuels afirma em seu artigo “These are theStoriesthatthe Dogs Tell: DiscoursesofIdentityandDifference in Ethnographyand Science Fiction” que:

(...) the tropological resonances of ethnography and science fiction seem neither fortuitous, accidental, nor coincidental. Rather, [...] as literary genres, modern ethnography and science fiction share historically situated philosophical concerns within the interpretive space opened up by the dominant 20-th century discourse of culture. (SAMUELS, 1996, p. 89)

De acordo com ele, a ficção científica e a antropologia compartilham três “tropos de identidade e diferença e naturalização e desnaturalização” (Samuels, p. 89) que as conectam como formas de narrar, e estabelecem uma interface com o fenômeno pós-colonial. Essa interface é facilitada pelo diálogo com a etnografia, pois, como observado por Samuels (1996,

p. 88), a figura do etnógrafo como 'viajante' é passível de desconstrução, em face da possibilidade de se articular a pesquisa antropológica com a empreitada (neo)colonial. Ele lembra que ambos os gêneros nasceram de discursos do alto colonialismo, na virada do século 20, e estão expressamente preocupados com a representação do contato entre culturas Outras (*alien*), e que ambas empregam técnicas semelhantes de representação que geram expectativas em seus leitores em relação às convenções de seus respectivos gêneros.<sup>9</sup> (cf. SAMUELS, 1996, p. 109-110)

Os contos selecionados são, em maioria, relatos de viagens escritos por emissários de uma organização interplanetária chamada de *Ekumen*. Esses representantes da organização, os *Mobiles*, são enviados para planetas distantes da sede do Ekumen, o planeta Hain, com o objetivo de, inicialmente, investigar suas populações, suas condições etc. para que, futuramente, seja possível convidar suas populações para participar da organização.

Assim, são analisadas e relatadas oficialmente para o Ekumen as condições geográficas, climáticas, políticas, as manifestações culturais, o estilo de vida, entre outras características das populações desses planetas. O relato, frequentemente feito de forma etnográfica, embora faça parte de um esforço coletivo do Ekumen e de todos os planetas dele integrantes, é feito por indivíduos de planetas diferentes, não só de Hain, e pelos residentes dos locais visitados. São homens e mulheres cujas percepções acerca das comunidades visitadas são diversas.

O penúltimo conto, *The Birthday of The World*, apresenta o primeiro contato entre dois povos, um nativo e outro estrangeiro, quando este segundo chega ao território dos primeiros. Diferentemente do tradicional relato contado por homens europeus, dos séculos XV e XVI, este relato é narrado pelo ponto de vista do povo que viria a ser "dominado", mais especificamente por uma mulher, que também conta o passado, algo que a antropologia também faz. A autora afirma, no prefácio do mesmo livro que este conto foi inspirado nas civilizações pré-colombianas em suas estruturas hierárquicas, cultura, história etc.

---

<sup>9</sup>Tais técnicas, para Samuels, incluem: um narrador de duas vozes (*double-voiced*), visão panóptica e uma linguagem de tradução, como meio de apreender identidade e diferença entre sujeitos em contextos culturais diferentes. (cf. SAMUELS, p. 109-110)

Ao final do conto, durante a realização da previsão dos videntes do reino, do fim do mundo, “The oraclehadsaidthatthe world died. With it diedourbrief time ofbeingGod.” (Le Guin, 2002, p. 240), durante o Aniversário do Mundo (The Birthdayofthe World), o povo deste local sem nome recebe a visita de seres estranhos, altos, de cabeça grande e com apenas um olho, no meio da face; alienígenas. Acredita tratar-se da visita dos Deuses, que chegaram para ocupar seus lugares como imperadores.

That morning I saw coming down the great stone road to the northern gate a group of beings, two-legged and erect like people or lizards. They were the heigh to fgiant desertilizards, with monstrous limbs and feet, but with out trails. They were white all over and hairless. Their head shad no mouth or nose and one huge single staring shining lidless eyes. (LE GUIN, 2002, p. 239)

Mas, após o primeiro encontro que se deu de forma amistosa, os visitantes, sentindo-se confortáveis, tiram suas vestimentas de proteção (de guerra?), e mostram suas verdadeiras faces.

Then, seeing their head was a mask, I saw that their white skin was like a show that they wore not just on the foot but all over their body. Inside this shoe they were like us, though the skin of their faces was the color of claypots and looked very thin, and their hair was shiny and flat. (LE GUIN, 2002, p. 241)

Ursula Le Guin reproduz o primeiro contato dos homens brancos (semelhante fisicamente ao povo retratado) com os povos nativos do Novo Mundo. No entanto, a autora inverte o ponto de vista da narrativa, ao dar a voz ao povo visitado para contar a chegada dos estrangeiros. (Isso serve de contraponto às narrativas a que estamos acostumados, como os relatos de exploradores, como o de Pero Vaz de Caminha:

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles uns ossos brancos (...) ali encaixados de tal sorte que não os molesta nem os estorva no falar, no comer ou no beber.<sup>10</sup> (CAMINHA, 1500, p. 3)

Dois dos contos, também apresentam inflexões de gênero, em que a autora faz uma tentativa de desmontar os determinismos biológicos que afetam as relações sócio-culturais dos

<sup>10</sup>[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf) acessado em 29/06/16, às 10h32.

gêneros feminino e masculino, sobretudo o primeiro, apontando alternativas para os papéis ocupados por ambos os gêneros e questionamentos acerca dos mesmos.

Em *The Birthday of the World*, a estrutura hierárquica não faz rígida distinção de gênero, embora alguns papéis sejam reservados para mulheres e/ou homens. O conto é narrado por Ze, a filha de Deus, Deus Ela e Ele (GodHerselfandGodHimself), um casal composto de homem e mulher, também filhos de Deus, numa linhagem real<sup>11</sup>. Ze se tornará Deus Ela também, quando se casar com seu irmão Tazu. Seu irmão mais velho, Omimo será o comandante do exército real, reproduzindo, assim, um papel que é historicamente reservado aos homens, no mundo ocidental.

A ideia de que Deus só poderia ser composto por um Deus Ele e um Deus Ela é tão natural para o povo nativo que, ao perceber que a comitiva de exploradores não conta com um representante do sexo feminino, Ze se preocupa:

‘But none of them is a woman,’ Tazu said.  
I looked at God more carefully and saw that he was right. This disturbed me slowly, but very deeply. How could God be only half human?  
In my world, a marriage made God. In this world coming to be, what made God?  
What world could be born of a God who was male? Men do not give birth.  
(LE GUIN, 2002, p. 243 e 244)

Nesta cultura, Deus é homem e mulher, ying e yang, em contraposição às culturas de raízes cristã-judaicas, cujo deus é indiscutivelmente masculino.

Na nota prévia ao terceiro relato de *The Matter of Seggri*, primeiro conto de *Birthday of The World*, pode-se perceber referências à prática etnográfica, a presença da mulher como etnógrafa e embaixadora, a um juramento profissional, entre outros temas:

Kaza Agad had been killed; the Lords of Awaga Castle finally disclosed the fact, but not the circumstances. A year later, Merriment radiodded her lander and left Seggri for Hain. Her recommendation was to observe and avoid. The Stabiles, however, decided to send another pair of observers; these were both women, Mobiles Alee Iyoo and Zerín Wu. They lived for eight years on Seggri, after the third year as First Mobiles; Iyoo stayed as Ambassador another fifteen years. They made Resehavanar’s Choice as “all the truth slowly.” A limit of two hundred visitors from offworld was set. During the

---

<sup>11</sup> Aqui Deus e o Imperador são uma coisa só.

next several generations the people of Seggri, becoming accustomed to the alien presence, considered their own options as members of the Ekumen. Proposals for a planetwide referendum on genetic alteration were abandoned, since the men's vote would be insignificant unless the women's vote were handicapped. As of the date of this report the Seggri have not undertaken major genetic alteration, though they have learned and applied various repair techniques, which have resulted in a higher proportion of full-term male infants; the gender balance now stands at about 12:1. The following is a memoir given to Ambassador ErithoteVes in 93/1569 by a woman in Ush on Seggri. (LE GUIN, p. 34, 2002)

Praticamente todo o conto gira em torno das questões de gênero. Nesse conto, a população de Seggri é claramente dividida. Os homens vivem em castelos, e dedicam suas vidas a tornarem-se grandes esportistas e os melhores espécimes para reprodução. São chamados de “Campeões”, como se fossem animais que são usados para reprodução. As mulheres usam estes homens apenas para reprodução, e seus encontros ocorrem em casas chamadas de “fuckery”<sup>12</sup>, onde o amor é visto com maus olhos.

Em Seggri, as mulheres detêm os domínios intelectual e científico, além de controlarem toda a produção do planeta, enquanto os homens ficam restritos ao convívio de outros homens (após os 11 anos) nos castelos, onde são treinados para serem campeões. Relacionamentos homossexuais entre dois homens são mal vistos, enquanto entre mulheres são aceitos, especialmente no campo afetivo. As mulheres são até mesmo incentivadas a formarem casais e famílias com suas parceiras.

Anos após os primeiros relatos, é apresentado um relato que indica o princípio de uma transformação social na estrutura da sociedade, motivada pelo amor.

Alteration in Seggrian social and cultural institutions did not take the disastrous course Merriment feared. It has been slow and its direction is not clear. In 93/1602 Terhada College invited men from two neighboring castles to apply as students, and three men did so. In the next decades, most colleges opened their doors to men. Once they were graduated, male students had to return to their castle, unless they left the planet, since native men were not allowed to live any where but as students in college or in a castle, until the Open Gate Law was passed in 93/1662.” (LE GUIN, 2002, p. 54)

O conto *Solitude*, que é narrado por *Serenity*, filha da *Mobile Leaf*, que anos antes foi enviada como emissária para o planeta de *Eleven-Soro* (como denominado pelo Ekumen), após

---

<sup>12</sup> Não achei a melhor tradução para o termo, mas a ideia é de algo como um bordel.

a mal-sucedida tentativa de outros emissários. A emissária anterior, ao conversar com *Leaf* sobre o povo de *Eleven-Soro*, que vive num sistema político de economia rural, disse: “There’s no way for na adult to learn any thing. They don’t ask questions, they don’t answer questions. Whatever they learn, they learn when they’re children.” (Le Guin, 2002, p. 121). Por isso, *Leaf* decidiu levar seus filhos na empreitada de explorar *Eleven-Soro*, o que mostrou-se uma decisão acertada, embora seus filhos tenham se afeiçoado mais à cultura e ao povo do planeta do que ela esperava.

Este conto apresenta o ponto de vista de *Serenity*, filha de *Leaf*, que narra a história com olhos para o passado, quando ela mesma era criança. Ela expõe a realidade de uma criança em convívio com um povo alienígena em um planeta estranho, mas que torna-se praticamente sua terra natal, explicitando as experiências vividas por filhos de imigrantes. Além disso, fica clara a posição de autoridade feminina no relato etnográfico, visto que 3 mulheres contam esta história, através da voz de *Serenity*.

Destaco neste conto a questão da multivocalidade, mecanismo frequentemente utilizado por antropólogos para facilitar a comunicação entre os povos nativos. (Citar Clifford e terminar análise); como a discussão sobre o domínio da língua e conseqüentemente da transmissão da história e cultura desse povo tem relação com a maneira como o antropólogo depende da língua para transmitir informações sobre uma cultura estudada; e o fato de esse conto ser narrado pela filha de uma antropóloga, o que poderia indicar um elemento biográfico inserido por Le Guin, representando a própria autora, filha de antropólogos, que conta histórias de diferentes culturas.

### Considerações Finais

Este trabalho, que compõe meu projeto de dissertação de mestrado, analisa a relação dos contos de Ursula Le Guin com a antropologia e propõe que a autora utiliza um estilo antropológico na sua forma de narrar. Além disso, segue na esteira do pensamento de David Samuels, que afirma, conforme exposto anteriormente, que a ficção científica e a antropologia compartilham pontos em comum que são menos acidentais que podem parecer. Para ele, ambas as formas de narrar (expressão utilizada por Mendelsohn) surgem dos discursos do alto

colonialismo na virada do século XX e ambos estão comprometidos em representar o contato entre culturas estranhas umas para as outras (cf., SAMUELS, 1996, p. 109)

Além disso, analiso, neste trabalho e na dissertação, a possibilidade de esses contos integrarem o corpus literário composto por manifestações literárias pós-coloniais, que propõem, especialmente, o desmonte do vínculo dos relatos etnográficos com o projeto colonial de povos do Novo Mundo, expresso principalmente no século XIX.

Nesta análise prévia, foi possível perceber a presença de pontos de vista inversos aos pontos de vista comuns dos relatos colonizadores, como no conto *The Birthday of The World*, cuja narradora, é uma habitante nativa do território explorado (posteriormente invadido ocupado, como ocorreu com os territórios do Novo Mundo), que conta a experiência a partir de seu olhar nativo, embebido em cultura e experiências locais.

Foi também possível perceber como a autora utiliza de narradores masculinos e femininos, o último em maioria, para contrapor o domínio exclusivo de narradores de relatos de viagem coloniais, e juntar-se às práticas literárias pós-coloniais, que colocam homens e mulheres em posição de narradores sem distinção de gênero ou determinismos biológicos.

Embora nem sempre o narrador desses contos seja um antropólogo, fica clara a presença de um paralelo com os relatos etnográficos coloniais dos séculos XV e XVI e com as narrativas de viagem pós-coloniais do século XX. A autora parece implementar um estilo etnográfico, numa tentativa de aproveitar a tradição desses relatos que, de acordo com David Samuels:

(...) in spite of recent critical reevaluations of the political positioning of anthropology and anthropologists – the ethnographer as traveler, as voyager, as tool of colonialism and imperialism – it is arguable that a certain covert prestige remains attached to the ability to clearly and coherently make the other understandable to the reader on the home world. (SAMUELS, 1996, p. 109)



## REFERÊNCIAS

- CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. 4ª edição. Editora UFRJ. 2014.
- COLLINS, Samuel Gerard. Sail On! Sail On!: Anthropology, Science Fiction, and the Enticing Future. *Science Fiction Studies*. Vol. 30, No. 2, 2003, p. 180-198.
- COLLINS, Samuel Gerard. Scientifically Valid and Artistically True: Chad Oliver, Anthropology and Anthropological SF. *Science Fiction Studies*. Vol. 31, No. 2, 2004, p. 243-263
- JAMIKOVSKA, Iliana e JAMIKOVSKI, Dragan. *Text as Laboratory: Science Fiction Literature as Anthropological Thought Experiment*. Disponível em: <http://www.anthroserbia.org/Content/PDF/Articles/A10is220105363.pdf> Acesso em: 22/09/2016.
- LE GUIN, Ursula K. *The Birthday of the World and Other Stories*. New York: Harper Collins, 2002
- MENDLESOHN, Farah. Introduction: Reading Science Fiction. In: *The Cambridge Companion to Science Fiction*. p. 31-42. Cambridge University Press. 2003.
- SAMUEL, Geoffrey. *Inventing Real Cultures: Some Comments on Anthropology and Science Fiction*. Disponível em: <http://users.hunterlink.net.au/~mbbgbs/Geoffrey/invent.html> Acesso em 22/09/2016
- SAMUELS, David. These Are the Stories That the Dogs Tell: Discourses of Identity and Difference in Ethnography and Science Fiction. *Cultural Anthropology*, Vol. 11, No. 1, 1996, p. 88-118.
- STOVER, Leon E. Anthropology and Science Fiction. *Current Anthropology*, Vol. 14, No. 4, 1973, p. 471-474.